



### **Viver a Palavra**

Tudo começa com um convite, um dom e uma oferta. No início não está uma obrigação, uma proibição ou um lamento, mas um Rei que é figura do Pai Celeste e «*preparou um banquete nupcial para o seu filho*». O nosso Deus é um Deus de festa e convida-nos a entrar na alegria nova que o Seu amor nos oferece.

Continuando o nosso itinerário com o Evangelho de S. Mateus, verificamos que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo continuam na mira da pregação de Jesus. Percebendo que Jesus se dirigia a eles na parábola dos dois filhos (Mt 21,28-32) e na parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-43), eles procuram prender Jesus e a única coisa que os impede é o receio das multidões que consideram Jesus um profeta. Jesus volta-se para eles e conta-lhes uma nova parábola que serve de resposta aos pensamentos e planos violentos que as parábolas anteriores desencadearam neles.

«*O reino dos Céus pode comparar-se a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho*». O Reino de Deus que somos chamados a construir aqui e agora, sabendo que apenas o habitaremos em plenitude no céu, é comparável à solicitude de um rei que prepara um banquete. Preparar um banquete para alguém significa dizer-lhe quanto o amamos e quanto o queremos na intimidade da nossa mesa.

O rei convida para a sua mesa e não desiste ao primeiro não. Depois dos primeiros servos terem saído a convocar para a festa e terem recebido apenas a indiferença dos convidados, manda outros servos com um apelo mais incisivo: «*dizei aos convidados: preparei o meu banquete, os bois e os cevados foram abatidos, tudo está pronto. Vinde às bodas*». Contudo, uma vez mais recusam o convite e, se alguns partiram indiferentes para os seus afazeres quotidianos, outros foram violentos e homicidas, maltratando e matando os servos. Mas este rei não desiste da sua festa e, sendo rejeitado por aqueles que eram os convidados primeiros, envia um convite que se destina a todos aqueles que forem encontrados nas encruzilhadas dos caminhos. A festa encheu-se de convidados, a alegria inundou o palácio e celebraram juntos a certeza de um amor maior que nos faz sentar à mesa do rei.

Como é belo caminhar com Jesus e descobrir no rosto misericordioso de Deus um Pai que nos convoca para as núpcias do seu filho e incessantemente nos chama a tomar parte da Sua alegria.

A parábola desenrola-se na dialética do dom e da responsabilidade. O convite é gratuito, mas compromete quem o recebe e pede-lhe que a ele corresponda. Deus porque nos ama, chama-nos, mas convida-nos a aderir livremente ao projeto de amor e felicidade que tem para cada um de nós.

Como é belo ver um Deus que quando é rejeitado, ao invés de se fechar em si próprio alarga ainda mais o Seu coração e envia os seus servos para que o apelo do seu chamamento chegue cada vez mais longe.

Surpreende-nos o final desta parábola: um dos convidados não traz o traje nupcial. Na verdade, a surpresa maior é que todos os outros «*maus e bons*» sejam portadores de um traje nupcial. Contudo, na cultura oriental, quem convida oferece o traje nupcial e, por isso, se este homem não traz o traje é porque o rejeitou. Também nós pelo nosso batismo fomos revestidos com a veste branca, símbolo da dignidade cristã, da pureza e da vida nova que somos chamados a cuidar para que a conservemos «*imaculada até à vida eterna*». O amor

que Deus derramado sobre nós é dom a ser acolhido e missão a realizar para que o mundo possa ser o lugar que Deus sonhou para nós e para que a vida de cada homem e de cada mulher seja uma vida mais feliz. *in Voz Portucalense.*

+ + + + +

Estamos no ano litúrgico – **2025/2026, o Ano A**. Acompanhamos o evangelista S. Mateus em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus.

Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus.** Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

## LEITURA I – Isaías 25,6-10a

## Leitura do Livro de Isaías

**Sobre este monte.**

**o Senhor do Universo há-de preparar para todos os povos**

**um banquete de manjares suculentos.**

**um banquete de vinhos deliciosos:**

**comida de boa gordura, vinhos puríssimos.**

## Sobre este monte.

**há-de tirar o véu que cobria todos os povos,**

**o pano que envolvia todas as nações:**

**destruirá a morte para sempre.**

## O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces

**e fará desaparecer da terra inteira**

**o opróbrio que pesa sobre o seu povo.**

**Porque o Senhor falou.**

**Dir-se-á naquele dia:**

**«Eis o nosso Deus, de quem esperávamos a salvação:**

**é o Senhor, em quem pusemos a nossa confiança.**

**Alegremo-nos e rejubilemos, porque nos salvou.**

**A mão do Senhor pousará sobre este monte».**

## CONTEXTO

É extremamente difícil situar, no tempo e no momento histórico, o texto que a primeira leitura deste domingo nos apresenta.

Para uns, o oráculo pertence à fase final da vida do profeta Isaías (no final do séc. VIII a.C.) quando, desiludido com a política e com os reis de Judá, o profeta começou a sonhar com um tempo novo de felicidade e de paz sem fim para o Povo de Deus.

Para outros, contudo, este texto não pertenceria ao primeiro Isaías (o autor dos capítulos 1-39 do Livro de Isaías), apesar de aparecer integrado no seu livro. Seria um texto de uma época posterior ao profeta... A referência à superação da morte, das lágrimas e da vergonha, poderia sugerir que a composição deste texto se situaria num momento histórico posterior ao Exílio na Babilónia, quando Judá já teria reconquistado a liberdade.

Em qualquer caso, o texto constrói-se à volta da imagem do "banquete". O "banquete" é, no ambiente sociocultural do mundo bíblico, o momento da partilha, da comunhão, da constituição de uma comunidade de mesa, do estabelecimento de laços familiares entre os convivas.

Para além de acontecimento social, o "banquete" tem também, frequentemente, uma dimensão religiosa. Os "banquetes sagrados" celebram e potenciam a comunhão do crente com Deus, o estabelecimento de laços familiares entre Deus e os fiéis. É por isso que, na perspetiva dos catequistas que redigiram as tradições sobre a Aliança do Sinai, o compromisso entre Jahwéh e Israel tinha de ser selado com uma refeição entre Deus e os representantes do Povo (cf. Ex 24,1-2. 9-11).

Neste campo são também particularmente significativos os "sacrifícios de comunhão" ("zebâh shelamim") celebrados no Templo de Jerusalém. Neste tipo de celebração religiosa, o crente trazia ao Templo um animal destinado a Deus. Depois de imolado o animal, a sua gordura era queimada sobre o altar, ao passo que a carne era repartida pelo oferente e pelos sacerdotes. O oferente e a sua família deviam comer a sua parte no espaço

sagrado do santuário. Dessa forma, sentavam-se à mesa com Deus, celebravam a sua pertença ao círculo familiar de Deus e renovavam com Deus os laços de paz, de harmonia, de comunhão (cfr. Lv 3). É este ambiente que o nosso texto supõe. *in Dehonianos*.

## **ATUALIZAÇÃO**

**Na reflexão, considerar os seguintes pontos:**

- A imagem do "banquete" para o qual Deus convida "todos os povos" aponta para essa realidade de comunhão, de festa, de amor, de felicidade que Deus, insistentemente nos oferece. Nunca será de mais recordar isto: Deus tem um projeto de vida, que quer oferecer a todos os homens, sem exceção. Não somos "filhos de um deus menor", pobre humanidade abandonada à sua sorte, perdida num universo hostil e condenada ao nada; somos pessoas a quem Deus ama, a quem Ele convida para integrar a sua família e a quem Ele oferece a vida plena e definitiva. A consciência desta realidade deve iluminar a nossa existência e encher de serenidade, de esperança e de confiança a nossa caminhada nesta terra. A nossa finitude, as nossas limitações, os nossos medos e misérias não são a última palavra da nossa existência; mas caminhamos todos ao encontro da festa definitiva que Deus prepara para todos os que aceitam o seu dom.

- Ao homem basta-lhe aceitar o convite de Deus para ter acesso a essa festa de vida eterna. Aceitar o convite de Deus significa renunciar ao egoísmo, ao orgulho e à autossuficiência e conduzir a existência de acordo com os valores de Deus; aceitar o convite de Deus implica dar prioridade ao amor, testemunhar os valores do Reino e construir, já aqui, uma nova terra de justiça, de solidariedade, de partilha, de amor. No dia do nosso Batismo, aceitamos o convite de Deus e comprometemo-nos com Ele... A nossa vida tem sido coerente com essa opção? *in Dehonianos*.

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 22 (23)**

**Refrão: Habitarei para sempre na casa do Senhor.**

**O Senhor é meu pastor: nada me falta.**

**Leva-me a descansar em verdes prados,**

**conduz-me às águas refrescantes**

**e reconforta a minha alma.**

**Ele me guia por sendas direitas, por amor do seu nome.**

**Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,**

**não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:**

**o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.**

**Para mim preparais a mesa,**

**à vista dos meus adversários;**

**com óleo me perfumais a cabeça,**

**e o meu cálice transborda.**

**A bondade e a graça hão-de acompanhar-me**

**todos os dias da minha vida,**

**e habitarei na casa do Senhor**

**para todo o sempre.**

## **LEITURA II – Filipenses 4,12-14.19-20**

**Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses**

**Irmãos:**

**Sei viver na pobreza e sei viver na abundância.**

**Em todo o tempo e em todas as circunstâncias,**

**tenho aprendido a ter fartura e a passar fome,**

**a viver desafogadamente e a padecer necessidade.**

**Tudo posso n'Aquele que me conforta.**

**No entanto, fizestes bem em tomar parte na minha aflição.**

**O meu Deus proverá com abundância**

**a todas as vossas necessidades,**

**Segundo a sua riqueza e magnificência, em Cristo Jesus.**

**Glória a Deus, nosso Pai, pelos séculos dos séculos. Amen.**

## **CONTEXTO**

Mais uma vez, a segunda leitura oferece-nos um excerto de uma carta de Paulo aos cristãos da cidade grega de Filipos.

Estamos nos anos 56/57. Paulo está na prisão (em Éfeso?) por causa do Evangelho. Nesse momento difícil da sua vida apostólica, Paulo recebeu ajuda económica e, mais importante do que isso, a presença solidária

e o cuidado de Epafrodito, um membro da comunidade, enviado para ajudar Paulo e para lhe manifestar a solicitude dos seus "filhos" de Filipos.

O nosso texto é tirado do capítulo final da Carta aos Filipenses. Aí, num tom emocionado, Paulo agradece pelos dons recebidos e pela solidariedade que os cristãos de Filipos lhe manifestaram. *in Dehonianos*.

## **ATUALIZAÇÃO**

### **A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:**

- Antes de mais, o nosso texto apela a que os cristãos tenham o coração aberto à partilha e ao dom. Ser cristão implica a renúncia a uma vida de egoísmo e de fechamento em si próprio.... Implica abrir o coração às necessidades dos irmãos carentes e desfavorecidos e uma partilha efetiva da vida e dos bens. Numa época em que os valores dominantes convidam continuamente ao egoísmo, à autossuficiência, à preocupação exclusiva com os próprios interesses, o gesto dos filipenses constitui uma poderosa interpelação.

- Por outro lado, também somos interpelados pelo sentido de despojamento de Paulo... Como Paulo, o apóstolo de Jesus deve saber "viver na pobreza" e deve saber "viver na abundância"; mas nunca pode colocar as comodidades materiais como prioridade ou como condição essencial para se empenhar na missão. O apóstolo de Jesus tem como prioridade o anúncio do Evangelho, em quaisquer circunstâncias e para além de todos os condicionalismos. Um "apóstolo" que se preocupa, antes de mais, com a sua comodidade ou com o seu bem-estar torna-se escravo das coisas materiais, passa a ser um "funcionário do Reino" com horário limitado e com trabalho limitado e rapidamente perde o sentido da sua entrega e do seu empenhamento.

- A solicitude dos filipenses por Paulo é sinal da vontade que eles têm de colaborar na expansão do Reino. Todas as comunidades cristãs deviam sentir este apelo a participar - de forma mais direta ou menos direta - no testemunho de Evangelho de Jesus. Levar o Evangelho ao mundo não é uma missão que apenas diga respeito a um grupo "especial" dentro da Igreja; mas é uma missão que Jesus confiou a todos os discípulos, sem exceção. Todos os cristãos deviam sentir o imperativo de colaborar, na medida das suas possibilidades, no anúncio do Evangelho.

- A solicitude dos filipenses por Paulo interpela também as comunidades cristãs acerca da forma como acolhem e tratam aqueles que se entregam a tempo inteiro à causa do Evangelho... A opção que eles fizeram de se entregarem totalmente ao serviço do Reino não os torna menos humanos; eles continuam a ser homens ou mulheres sensíveis às manifestações de afeto, de apreço, de amizade, de solicitude. A comunidade tem o dever de manifestar, em gestos concretos, a sua gratidão pelo trabalho desses irmãos e pelos dons que deles recebe.

- Paulo refere-se, finalmente, à retribuição que Deus não deixará de dar a todos aqueles que mostram solicitude e amor com os apóstolos e que se empenham no anúncio do Evangelho. No entanto, Paulo está longe de sugerir uma lógica interesseira no nosso relacionamento com Deus... O cristão não age de determinada forma para daí tirar benefícios, mas porque o seu compromisso com Jesus lhe impõe determinado comportamento. *in Dehonianos*.

## **EVANGELHO – Mateus 22,1-14**

### **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus**

**Naquele tempo,**

**Jesus dirigiu-Se de novo**

**aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo**

**e, falando em parábolas, disse-lhes:**

**«O reino dos Céus pode comparar-se a um rei**

**que preparou um banquete nupcial para o seu filho.**

**Mandou os servos chamar os convidados para as bodas,**

**mas eles não quiseram vir.**

**Mandou ainda outros servos, ordenando-lhes:**

**'Dizei aos convidados:**

**Preparei o meu banquete, os bois e os cevados foram abatidos,**

**tudo está pronto. Vinde às bodas'.**

**Mas eles, sem fazerem caso,**

**foram um para o seu campo e outro para o seu negócio;**

**os outros apoderaram-se dos servos,**

**trataram-nos mal e mataram-nos.**

**O rei ficou muito indignado e enviou os seus exércitos,**

**que acabaram com aqueles assassinos e incendiaram a cidade.**

**Disse então aos servos:**

**'O banquete está pronto, mas os convidados não eram dignos.**

**Ide às encruzilhadas dos caminhos**

**e convidai para as bodas todos os que encontrardes'.**

Então os servos, saindo pelos caminhos,  
reuniram todos os que encontraram, maus e bons.  
E a sala do banquete encheu-se de convidados.  
O rei, quando entrou para ver os convidados,  
viu um homem que não estava vestido com o traje nupcial.  
E disse-lhe:  
'Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?'.  
Mas ele ficou calado.  
O rei disse então aos servos:  
'Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o às trevas exteriores;  
aí haverá choro e ranger de dentes'.  
Na verdade, muitos são os chamados,  
mas poucos os escolhidos».

## CONTEXTO

Continuamos em Jerusalém, nos dias que antecedem a Páscoa. Os dirigentes religiosos judeus aumentam a pressão sobre Jesus. Instalados nas suas certezas e seguranças, já decidiram que a proposta de Jesus não vem de Deus; por isso, rejeitam de forma absoluta o Reino que ele anuncia.

O texto que nos é hoje proposto faz parte de um bloco de três parábolas (cf. Mt 21,28-32. 33-43; 22,1-14), destinadas a ilustrar a recusa de Israel em aceitar o projeto que Deus oferece aos homens através de Jesus. Com elas, Jesus convida os seus opositores - os líderes religiosos judaicos - a reconhecerem que se fecharam num esquema de autossuficiência, de orgulho, de arrogância, de preconceitos, que não os deixa abrir o coração e a vida aos dons de Deus. O nosso texto é a última dessas três parábolas.

A crítica do texto mostra que Mateus juntou aqui duas parábolas diferentes: a parábola dos convidados para o "banquete" (que é comum a Mateus e Lucas, embora as duas versões apresentem diferenças consideráveis - cf. Mt 22,1-10; Lc 14,15-24) e a parábola do convidado que se apresentou sem o traje adequado (que é exclusiva de Mateus - cf. Mt 22,11-14). Originalmente, as duas parábolas teriam ensinamentos diferentes; mas a temática comum do "banquete" aproximou-as e juntou-as.

As nossas duas parábolas situam-nos, portanto, no cenário de um "banquete". Já dissemos (a propósito da primeira leitura deste domingo) que o "banquete" era, na cultura semita, o lugar do encontro, da comunhão, do estreitamento de laços familiares entre os convivas. Além disso, o "banquete" era também a cerimónia através da qual se confirmava o "status" das pessoas e o seu lugar dentro da escala social. Quem organizava um "banquete" - por exemplo, por ocasião do casamento de um filho - procurava fazer uma seleção cuidada dos convidados: a presença de gente "desclassificada" faria descer consideravelmente, aos olhos de toda a comunidade, o "status" da família; e, por outro lado, a presença à mesa de pessoas importantes realçava a importância e a honra da família. *in Dehonianos*.

## ATUALIZAÇÃO

**Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:**

- No nosso texto, a questão decisiva não é se Deus convida ou se não convida; mas é se se aceita ou se não se aceita o convite de Deus para o "banquete" do Reino. Os convidados que não aceitaram o convite representam aqueles que estão demasiado preocupados a dirigir uma empresa de sucesso, ou a escalar a vida a pulso, ou a conquistar os seus cinco minutos de fama, ou a impor aos outros os seus próprios esquemas e projetos, ou a explorar o bem-estar que o dinheiro lhes conquistou e não têm tempo para os desafios de Deus. Vivemos obcecados com o imediato, o politicamente correto, o palpável, o material, e prescindimos dos valores eternos, duradouros, exigentes, que exigem o dom da própria vida. A questão é: onde é que está a verdadeira felicidade? Nos valores do Reino, ou nesses valores efémeros que nos absorvem e nos dominam?

- Os convidados que não aceitaram o convite representam também aqueles que estão instalados na sua autossuficiência, nas suas certezas, seguranças e preconceitos e não têm o coração aberto e disponível para as propostas de Deus. Trata-se, muitas vezes, de pessoas sérias e boas, que se empenham seriamente na comunidade cristã e que desempenham papéis fundamentais na estruturação dos organismos paroquiais... Mas "nunca se enganam e raramente têm dúvidas"; sabem tudo sobre Deus, já construíram um deus à medida dos seus interesses, desejos e projetos e não se deixam questionar nem interpelar. Os seus corações estão, também, fechados à novidade de Deus.

- Os convidados que aceitaram o convite representam todos aqueles que, apesar dos seus limites e do seu pecado, têm o coração disponível para Deus e para os desafios que Ele faz. Percebem os limites da sua miséria e finitude e estão permanentemente à espera de que Deus lhes ofereça a salvação. São humildes, pobres, simples, confiam em Deus e na salvação que Ele quer oferecer a cada homem e a cada mulher e estão dispostos a acolher os desafios de Deus.

• A parábola do homem que não vestiu o traje apropriado convida-nos a considerar que a salvação não é uma conquista, feita de uma vez por todas, mas um sim a Deus sempre renovado, e que implica um compromisso real, sério e exigente com os valores de Deus. Implica uma opção coerente, contínua, diária com a opção que eu fiz no Batismo... Não é um compromisso de "meias tintas", de tentativas falhadas, de "tanto se me dá como se me deu"; mas é um compromisso sério e coerente com essa vida nova que Jesus me apresentou. *in Dehonianos*

## QUANDO O REI TE DIZ “AMIGO...”

No seguimento dos dois Domingos anteriores, também neste Domingo XXVIII do Tempo Comum, os chefes religiosos e civis continuam na mira de Jesus. O Evangelho deste Domingo é retirado de Mateus 22,1-14. Já quando ouviram as duas parábolas anteriores – a dos dois filhos (Mateus 21,28-32) e a dos vinhateiros homicidas (Mateus 21,33-43 –, perceberam bem que as palavras de Jesus se dirigiam a eles, e, parafraseando Jorge Luís Borges, perceberam também que as palavras de Jesus estavam carregadas como uma arma. O narrador informa-nos, de resto, no final, que «os chefes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, perceberam que JESUS se referia a eles, e procuravam prendê-lo», e que só o não fizeram por «receio das multidões, que o tinham por profeta» (Mateus 21,45-46).

É importante, para o leitor, esta última informação do narrador, pois o texto de hoje, que segue imediatamente os anteriores, começa assim: «E, respondendo, JESUS disse-lhes novamente em parábolas» (Mateus 22,1). Ficamos então a saber que o novo dizer parabólico de Jesus serve de resposta aos pensamentos e planos violentos que as parábolas anteriores desencadearam nos chefes.

E segue a primeira, estupenda parábola, que parte da afirmação da semelhança do Reino dos Céus a um banquete nupcial que um Rei fez para o seu filho. «Reino dos Céus», usual em Mateus, é uma circunlocução para dizer «Reino de Deus». E a figura do Rei é muitas vezes usada no Antigo Testamento e no judaísmo para designar Deus. E o verbo «fazer» evoca imediatamente o relato criação (Genesis 1,1-2,4a), em que o verbo fazer se conta por dez vezes. E o filho do Rei, para uma audiência cristã da parábola, designava de imediato Jesus. E o banquete nupcial feito pelo Rei é uma imagem fortíssima de festa e de alegria, tantas vezes anunciado pelos profetas (veja-se, por exemplo, a lição de hoje do profeta Isaías 25,6), e impacientemente aguardado pelos judeus piedosos. É seguro: ser convidado e poder participar num banquete assim era um sonho para qualquer judeu piedoso!

### Atravessam o texto várias surpresas.

**Primeira surpresa:** quando o Rei enviou os seus servos a chamar os CONVIDADOS para o banquete, estes não queriam (ouk êthelon: impf. de thélô) vir (Mateus 22,3). O uso do imperfeito indica duração; não se trata de um ato, mas de uma atitude: nem hoje, nem amanhã, nem em dia nenhum. E o uso do verbo querer deixa claro que se trata de uma ação voluntária, e não de uma qualquer predisposição ou sentimento. Mais ainda: que a ação é deliberada, fica patente no facto de o Rei ter enviado outros servos para voltar a chamar os CONVIDADOS, e estes nem prestaram atenção, indo cada um à sua vida (Mateus 22,4-5). E os restantes ainda maltrataram e mataram os servos do Rei (Mateus 22,6).

Note-se ainda que foi o próprio Rei que preparou (hêtoímaka: perf. de hetoimázô) o banquete, empenhando-se pessoalmente nele (Mateus 22,4). O verbo preparar está colocado em lugares-chave em Mateus: veja-se 3,3: «Preparai o caminho do Senhor»; 25,34: «Vinde, benditos de meu Pai, recebei o Reino preparado para vós...»; 26,17.19: preparar a Páscoa.

Este cuidado meticuloso posto pelo Rei na preparação do seu banquete para nós parece esbarrar depois na brutalidade com que se irou (ôrgístê: aor. de orgízomai), enviou as suas tropas, matou aqueles homicidas e incendiou a sua cidade (Mateus 22,7). O sentido voa aqui em duas direções: primeiro, o uso do aoristo em todos os verbos mostra que «a sua ira dura apenas um momento», como diz o Salmo 30,6; segundo, o castigo descrito retrata e interpreta os acontecimentos dramáticos bem conhecidos do ano 70.

**Segunda surpresa:** as sucessivas e gradativas recusas dos CONVIDADOS não desarmam o Rei, que DIZ (légei) então aos seus servos (Mateus 22,8): IDE às encruzilhadas dos caminhos, e TODOS os que encontrardes, chamai-os para o banquete (Mateus 22,9). Os servos saíram, e reuniram TODOS os que encontraram, maus e bons (Mateus 22,10). Missão universal que brota do amor fontal de Deus Pai (Ad Gentes, n.º 2) ... E foi assim, por nova, excessiva e a todos os títulos surpreendente iniciativa do Rei, que se encheu a sala do banquete. Note-se o novo DIZER do Rei, posto no presente histórico («diz então aos seus servos»), que marca um primeiro ponto alto no relato. Note-se ainda que o intervalo militar parece não ter esfriado a comida daquela mesa sempre posta!

**Terceira surpresa:** o Rei entra, vê «um homem» sem o traje nupcial, e expulsa-o da casa alumiada para as trevas cegas e as lágrimas vazias. Que o homem não tenha o traje nupcial é surpresa para o Rei, que não para nós. Para nós, a surpresa é que TODOS os outros, maus e bons, tenham o traje nupcial, uma vez que foram como que arrastados à pressa dos caminhos lamacentos do mundo! Como é que ainda conseguiram vestir o traje nupcial, não deixa de ser surpreendente para nós! Para o Rei, é aquele «um homem», que não vestiu o traje nupcial, que causa surpresa! E chegamos ao segundo ponto alto do relato, marcado também pelo verbo DIZER

no presente histórico. De facto, o Rei trata aquele «um homem» cordialmente, e DIZ-lhe (légei autô): «Amigo» (hetaïre), apelativo que só Mateus usa no Novo Testamento (20,13; 22,12; 26,50), e que apenas é usado quando se aborda alguém de forma muito cordial, de forma especialmente cordial. A este amigo (hetaïros), o Rei concede, mediante esta última abordagem direta e cordial, uma última oportunidade de se dizer, isto é, de reconhecer o seu desarranjo interior e de mudar a sua vida.

Oportunidade desperdiçada, pois o homem simplesmente não responde. Ficou calado e petrificado (Mateus 22,12). Note-se o mesmo tratamento de Jesus para Judas naquela noite escura, mas ainda à beirinha da Luz: «Amigo (hetaïre), para que estás aqui?» (Mateus 26,50). Judas também não respondeu.

É aqui que a parábola nos atinge a TODOS em cheio. Vistas bem as coisas, só o Rei fala nesta parábola. E se ouvirmos bem, DIZ-nos: «Amigo!...».

A razão daquele homem não usar o traje nupcial.

1) Não o usa devido à técnica do arrasto que o apanhou desprevenido e sem tempo para ir a casa ao menos para lavar a cara e mudar de roupa. Este é o entendimento banal e superficial da parábola, que nos rouba as verdadeiras chaves de leitura e nos leva para leituras mais ou menos moralizantes!

2) Também não podemos explicar o não uso do traje nupcial recorrendo, como é habitual, a motivos moralizantes traduzidos em comportamentos menos dignos. Esse motivo e essas pessoas (os CONVIDADOS) já foram excluídos (cf. Mateus 22,8), e é-nos dito expressamente que os servos daquele rei levaram agora para a sala do banquete todos os que encontraram, maus e bons (cf. Mateus 22,10); se foram levados todos, maus e bons, é difícil suportar aqui uma leitura moralizante.

3) Não é, portanto, pelo facto de ser mau ou distraído que aquele homem não usa o traje nupcial.

4) Não o usa, porque não o quis receber. O traje da festa não se vai buscar a casa; tão-pouco traduz a nossa bondade ou qualquer mérito. É um presente do Rei à entrada da sala do banquete. No nosso mundo ocidental, são os convidados que levam os presentes. No mundo oriental, quem convida é que oferece presentes aos convidados, entre os quais se conta o vestido da festa. É sabido que, no mundo bíblico, o vestido significa a vida. Ao fundo da cena está sempre a nossa vida dada e que deve ser com alegria recebida. Ao fundo da cena está, portanto, sempre Deus de mãos abertas, que reclama as nossas mãos também abertas.

Nunca nos esqueçamos de que é de Deus toda a verdadeira iniciativa. Nunca nos esqueçamos de começar sempre por receber. E de gastar o resto do tempo que nos for dado a agradecer e a partilhar.

**D. António Couto**

## PARA OS LEITORES

A **primeira leitura** é marcada pelo anúncio alegre e feliz de um Deus que prepara para todos os povos um banquete que inaugura uma era de paz e consolação. A proclamação desta leitura deve ter presente este tom alegre e jubiloso que anuncia o fim das lágrimas e o início de uma era de felicidade. Além disso, deve ter-se em atenção as descrições e enumerações bem como a repetição da expressão «*sobre este monte*».

A proclamação da **segunda leitura** deve ter presente, de modo especial, o centro de todo o texto «*tudo posso n'Aquele que me conforta*» e a conclusão doxológica «*Glória a Deus, nosso Pai, pelos séculos dos séculos. Amen*»